

# FUNDAMENTOS DE UMA METODOLOGIA DE ENSINO DA TRADUÇÃO<sup>1 2</sup>

Maria Candida Bordenave

Até há pouco tempo a tradução constituía ou era vista como uma prática improvisada por pessoas que falassem duas línguas. Era também considerada como um mal necessário.

Na área acadêmica, é recente a criação dos cursos universitários de tradução no país, datando da Reforma Universitária de 1968 e tendo os primeiros graduados em 1972. Tais cursos foram inseridos no âmbito dos cursos de Letras — Licenciatura — nos programas já existentes com poucas adaptações à nova habilitação. Só recentemente aqueles cursos começam a encontrar seu caminho próprio através de um constante autoexame e avaliação de seus resultados, tendo como consequência uma renovação dos programas, já agora mais adequados a um melhor preparo e à profissionalização dos estudantes.

Simultaneamente, do momento em que a tradução se insere no ambiente acadêmico, adquire *status* de área do saber e, para completar-se e definir-se como tal, passa a exigir:

1. uma reflexão sobre si mesma e sua articulação com outras áreas do saber, e o conseqüente levantamento de questões que levarão à elaboração de uma *teoria própria* explicativa;
2. uma *metodologia de ensino apropriada e específica* que fortalecerá os cursos de tradução, tirando-os do estado nebuloso de improvisação e hesitação docente.

Ainda agora, ouve-se a velha observação de que “tradução não se ensina”, ou então, de que “aprende-se na prática, fazendo traduções”.

As disciplinas dos currículos rezam: “Tradução comentada”, ou “Prática de tradução”. Eu pergunto: “Como se faz isto?” “Qual (quais) o(s) método(s) usado(s)?” “Qual o método mais eficiente?” “Em que se baseiam tais métodos?” Ou ainda: “Tradução se ensina?” “Em que consiste o ensino da tradução?” “O que é tradução?”

<sup>1</sup> N.E.: Trabalho apresentado no 3º Encontro Nacional de Tradutores — “O ensino da tradução”, realizado na UFRGS, em Porto Alegre, de 26 a 28 de agosto de 1987, e publicado nos Anais.

<sup>2</sup> A terminologia e conceitos usados neste trabalho foram inspirados na taxonomia dos objetivos educacionais cognitivos de B. Bloom.

Pretendo levantar aqui algumas questões e fazer sugestões sobre a fundamentação de uma metodologia de ensino da tradução.

Ao pensar uma metodologia de ensino, colocamos primeiro alguns pressupostos básicos:

1. *O que ensinar*: natureza da área ou disciplina.
2. *Como ensinar*: tipo de método a ser usado, que é dependente de 1.
3. *A quem ensinar*: nível de competência do estudante.

No âmbito desta apresentação vou ater-me ao primeiro pressuposto — a natureza do processo tradutório. Esta é a base para qualquer reflexão de tipo metodológico: definir *o que* vamos ensinar, quais são as características do objeto a ser estudado. A tradução não é uma disciplina na qual um *conteúdo* é transmitido — dados, fatos, informação. A tradução é um fazer, um fazer *intelectual* que requer o domínio de *operações mentais*.

Este é o ponto de partida se se tem por meta uma metodologia adequada. Um bom tradutor fará um bom trabalho, se souber realizar as operações mentais adequadas, corretas e necessárias ao seu objetivo.

Identificamos a tradução como uma *atividade* que se realiza através do uso de *habilidades intelectuais* aplicadas à linguagem humana, atividade esta que visa à transferência de significado de um código linguístico para outro.

Dessa concepção do processo tradutório decorrem as diretrizes metodológicas. Uma metodologia adequada do ensino da tradução deve estar estreitamente ligada ao desenvolvimento das habilidades intelectuais necessárias ao seu exercício.

Quais são, então, as habilidades necessárias ao exercício da tradução?

A fim de detectá-las, procuramos analisar os processos mentais que ocorrem na mente do tradutor quando ele traduz, como que submetendo-o a um exame de raios X. Ao abrir a caixa preta do processo tradutório e ao decompor aquela atividade, estaríamos em condições de apontar o caminho para uma metodologia adequada que se basearia na tomada de consciência e no aperfeiçoamento daqueles processos mentais.

Dois aspectos se destacaram nesta análise:

1. *conhecimentos básicos* necessários — a matéria-prima das operações mentais;

2. *operações mentais* realizadas com aqueles conhecimentos, operações estas que levam ao desenvolvimento das habilidades necessárias ao exercício da tradução.

Os conhecimentos básicos necessários, anteriormente adquiridos, são:

- das línguas específicas para uma tradução dada;
- da estruturação interna daquelas línguas em níveis linguísticos;
- da articulação dos aspectos *formais*: estrutura sintática e léxico, com os aspectos *não-formais*: sociolinguísticos, pragmáticos, ideológicos;
- das marcas formais indicadoras do significado;
- da linguagem humana como sistema de representação e comunicação;
- outros.

Tais conhecimentos serão usados nas operações próprias da atividade da tradução, as quais se distribuem nas etapas de *decodificação*, *pensamento metalinguístico*, *recodificação*.

Da decodificação fazem parte operações tais como:

- análise, comparação e reconhecimento dos elementos anteriormente conhecidos;
- procura do significado total articulando os aspectos formais e os não-formais;
- reconhecimento de divergências e convergências;
- identificação dos problemas e suas diferentes formas de tratamento;
- outros.

Chamamos *pensamento metalinguístico*, termo tomado emprestado ao linguista norte-americano Lado, à fase em que o tradutor realiza operações que dizem respeito à procura da “equivalência dinâmica” (E. Nida), com o objetivo da transferência do significado total de todos os elementos implicados no texto.

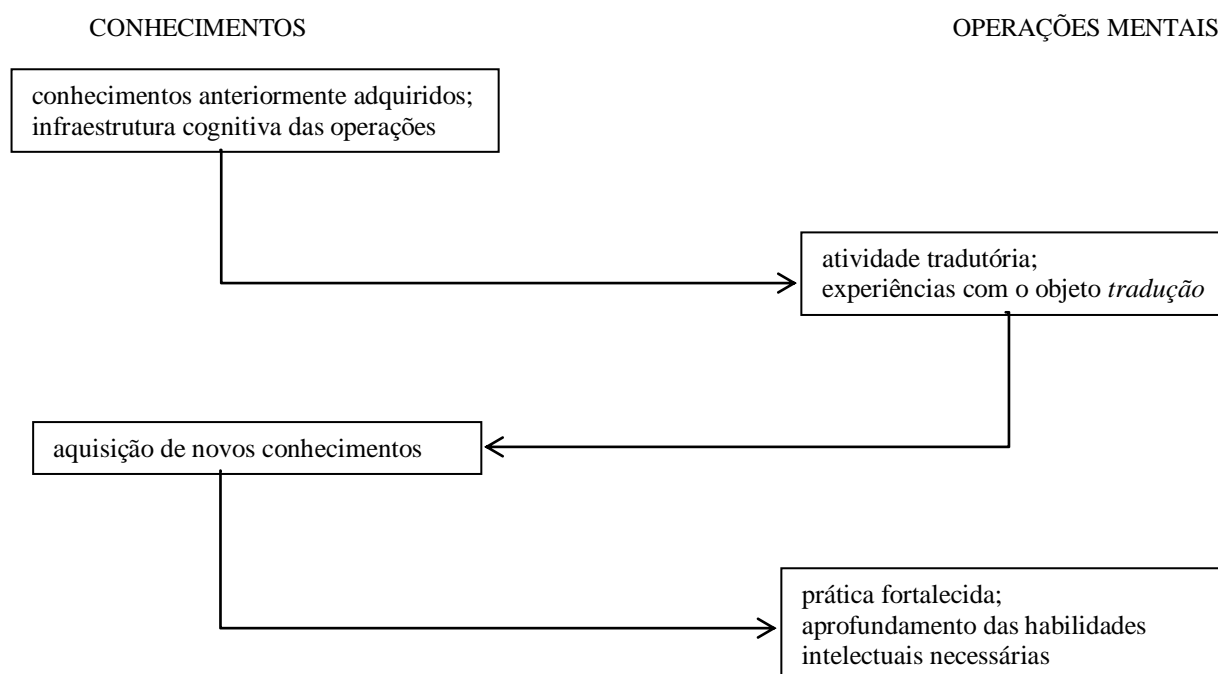
Finalmente, a fase da *recodificação* apresenta algumas operações semelhantes às da *decodificação*:

- análise, comparação, contraste, reconhecimento, seleção, síntese, avaliação, reconstituição.

As operações acima listadas, que são parte integrante do processo tradutório, constituem experiências com o objeto *tradução* e vão desenvolver as habilidades intelectuais necessárias. Tal exercício, por sua vez, tem como consequência a aquisição de novos conhecimentos que se referem a:

- o que ocorre no encontro/confronto de duas línguas na tradução, que constitui uma situação de bilinguismo de natureza especial;
- o reconhecimento das diferenças pragmáticas, culturais e ideológicas;
- a tomada de consciência das três etapas: decodificação, pensamento metalinguístico e recodificação;
- fenômenos de interferência.

Os conhecimentos recém-adquiridos, por sua vez, como novos insumos, vão alimentar a prática tradutória, fortalecendo e aprofundando as habilidades intelectuais necessárias. Esta relação dinâmica e reciprocamente alimentadora tem a seguinte forma gráfica:



Resumindo, o ensino da tradução constitui um processo de aplicação de conhecimentos já adquiridos e sempre renovados em operações mentais que, através do uso simultâneo da teoria e da prática, vão desenvolver as habilidades intelectuais exigidas pelo exercício da tradução.

Concluindo, diria que é certo que “tradução se aprende traduzindo”. Essa prática, porém, não é apenas uma prática repetida, mas uma prática crítica e refletida que leva em conta os processos mentais acima descritos.

Assim, proponho que: uma metodologia específica de ensino da tradução deve fundamentar-se nas *operações mentais* já mencionadas e outras a elas relacionadas, que

têm como consequência o desenvolvimento das habilidades intelectuais necessárias ao exercício da tradução.

Sem o *desenvolvimento daquelas habilidades* por um lado, e sem a *integração dos conhecimentos teóricos à prática* por outro, estaremos proporcionando ao estudante um simples exercício de repetição que não o habilitará a enfrentar todas as possibilidades tradutórias existentes ou que venham a existir.

O objetivo de tal metodologia, isto é, uma prática refletida integradora, não será a obtenção de uma tradução correta de um, dois ou cem textos, mas sim o desenvolvimento daquelas habilidades que permitirão traduzir todos os textos.